

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Trabalho Final de Graduação

Centro Cultural e de Convivência

Nome: Fernanda Legatti

Orientador: Norma Regina Truppel Constantino

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora, professora Norma, pela excelente orientação e pelas palavras certas no momento em que mais precisei. Aos meus co – orientadores: professor João Roberto Gomes de Faria e professor Paulo Roberto Masseran pela grande ajuda neste trabalho. Obrigada a todos vocês pela ajuda e todas observações que tornaram este projeto ainda melhor.

Sumário:

1. Introdução
 - 1.1. Objetivo
 - 1.2. Metodologia
2. Estudos de caso
 - 2.1. Sesc Araraquara
 - 2.2. Sesc São Carlos
 - 2.3. Sesc Santana
3. A cidade de Espírito Santo do Pinhal
 - 3.1. Breve histórico
 - 3.2. Localização e aspectos geográficos
 - 3.3. Urbanização da cidade
 - 3.4. Economia cafeeira
 - 3.5. Espaços culturais
 - 3.5.1. Cine Teatro Avenida
 - 3.5.2. Museu e Biblioteca dr. Abelardo Vergueiro César
 - 3.5.3. Casa do Escritor
 - 3.6. Música e artes plásticas
 - 3.6.1. Orquestra Cacique de Pinhal
 - 3.6.2. Banda Filarmônica Cardeal Leme
 - 3.6.3. Projeto Guri
 - 3.6.4. Banda Santa Cecília
 - 3.6.5. Coral Pinhalense
 - 3.6.6. Artes Plásticas
 - 3.6.7. Considerações
4. Acústica
5. O projeto: Centro Cultural e de Convivência
 - 5.1. Área de intervenção
 - 5.2. Lugar
 - 5.3. Programa de Necessidades

5.4. O Projeto

6. Referências Bibliográficas

1. Introdução:

Rodeada de belas paisagens e uma topografia marcante, a cidade de Espírito Santo do Pinhal, minha cidade natal, foi escolhida como cenário para o trabalho de conclusão de curso. A cidade é de pequeno porte e como tal possui uma praça e uma igreja matriz, que definem o eixo central da cidade, onde há vários acontecimentos culturais e festividades. Há uma carência de locais para atividades culturais, com cursos e espaços de convivência, que atenda as necessidades de expressão e lazer. As opções de lazer e cultura são: o clube recreativo, mais utilizado para festas e formaturas, a biblioteca e museu municipal, o teatro municipal, onde acontecem poucas atividades e havia o cine casarão, o cinema da cidade que foi desativado. Portanto há uma falta de opção, muitos jovens cheios de dúvidas e incertezas acabam não encontrando um lugar onde possam se expressar, crianças, adultos e idosos também tem poucas alternativas de lazer e cultura.

Observando as atividades culturais de minha cidade, percebi que existem grupos e projetos que poderiam se reunir para trocar experiências. O Projeto Guri, por exemplo, é uma iniciativa existente na cidade muito interessante no desenvolvimento social de crianças e jovens. Existem bandas formadas por um público mais adulto e idoso, como a Banda Santa Cecília. Assim achei interessante que meu projeto partisse da proposta de possuir espaços de aulas e ensaios de música e outras atividades culturais para crianças, jovens, adultos e idosos e espaços de convivência para que todos se encontrassem e trocassem experiências. Seria uma tentativa de convívio entre o velho e o novo, a cultura da cidade

e o que ela já foi se encontrando com as novas formas de expressão, as mudanças e incertezas que o mundo moderno está trazendo para aqueles que construirão o futuro da cidade.

As cidades de pequeno porte tem importância estratégica na economia de um país, pois elas produzem grande parte dos produtos que sustentam a economia, no caso de minha cidade o produto principal da economia é o café. Com o problema de grande concentração de pessoas nos grandes centros é dada pouca importância as cidades de pequeno porte, que se tivessem melhorias em suas atividades culturais, esportivas, de lazer e melhores condições de trabalho, poderiam resolver em parte o problema.

Os espaços culturais são locais importantes de convívio entre as diversas faixas etárias, e de desenvolvimento cultural e social. Desta forma comecei a observar os Sescs, instituições dedicadas a atividades culturais, esportivas e de lazer, para desenvolver o projeto. A proposta do Sesc é bem interessante para os problemas que senti na minha cidade, ela abrange todas as faixas etárias e é comprometida na ação cultural para desenvolvimento da sociedade.

1.1. Objetivo

O objetivo do trabalho é criar um espaço cultural e de convivência na cidade de Espírito Santo do Pinhal que ofereça cursos, oficinas, atividades culturais e locais de convívio, para todas as faixas etárias, a fim

de que as pessoas se encontrem, troquem experiências e tenham acesso a cultura.

1.2. Metodologia

O desenvolvimento do trabalho foi feito pela análise dos Sescs, por se tratarem de espaços com programas ricos em atividades culturais, esportivas e de lazer, enriquecendo as alternativas do programa de necessidades do prédio.

Em seguida é feito um estudo das características da cidade e das atividades e espaços culturais existentes. Também é analisado os grupos e pessoas da cidade envolvidos em ações culturais, como música e arte.

Para concepção do projeto fiz uma análise do centro e de seus equipamentos de cultura e lazer, pesquisando o local que seria mais interessante.

2. Estudos de caso

Sesc – Serviço Social do Comércio

O Sesc é uma instituição de caráter privado, criada em 1946 que tem como finalidade principal contribuir para a melhoria do bem estar social, qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador do comércio e serviços. Possui equipamentos destinados a atividades culturais, esportivas e de lazer.

A intensa atuação no campo da cultura e suas diferentes manifestações demonstram a marca da inovação e transformação social do Sesc ao longo dos anos. Destina-se a todos os públicos, atingindo diversas faixas etárias e estratos sociais promovendo uma ação de educação informal valorizando as pessoas e estimulando a autonomia pessoal, a interação e o contato com expressões e modos diversos de pensar, agir e sentir.

Conta com uma rede de 32 unidades no Estado de São Paulo, em sua maioria centros culturais e desportivos. Também há atividades de turismo social, programas de saúde e de educação ambiental, programas especiais para crianças e terceira idade, e os pioneiros Mesa Brasil Sesc São Paulo, de combate à fome e ao desperdício de alimentos, e Internet Livre, de inclusão digital.

2.1. Sesc Araraquara

Segundo Wolf (2000) Abrahão Sanovicz, autor do projeto do Sesc Araraquara, dizia que a arquitetura não faz milagre social mas deve ser agente da promoção cultural, do convívio e da liberdade e deve contribuir para a qualidade de vida urbana. O arquiteto inicia o desenvolvimento da obra no início dos anos noventa, mas não chega a ver a obra concluída em virtude do seu falecimento, cabendo ao arquiteto Edson Elito acompanhar a etapa final da construção.

No projeto do Sesc, Sanovicz considera o usuário o protagonista da obra. O acesso principal é sinalizado por um grande pórtico de concreto, próximo a rua, e ao lado há uma referência visual entre a paisagem urbana e a semi-rural, formada por uma caixa d'água de 25 metros de altura, revestida com placas de aço de inox e o logotipo azul do Sesc. Conduzindo ao saguão há uma rampa de piso de granito apicoado e descendo as escadas chega-se à praça principal. Com cores e materiais *in natura*, o projeto privilegia um *design* racionalizado.

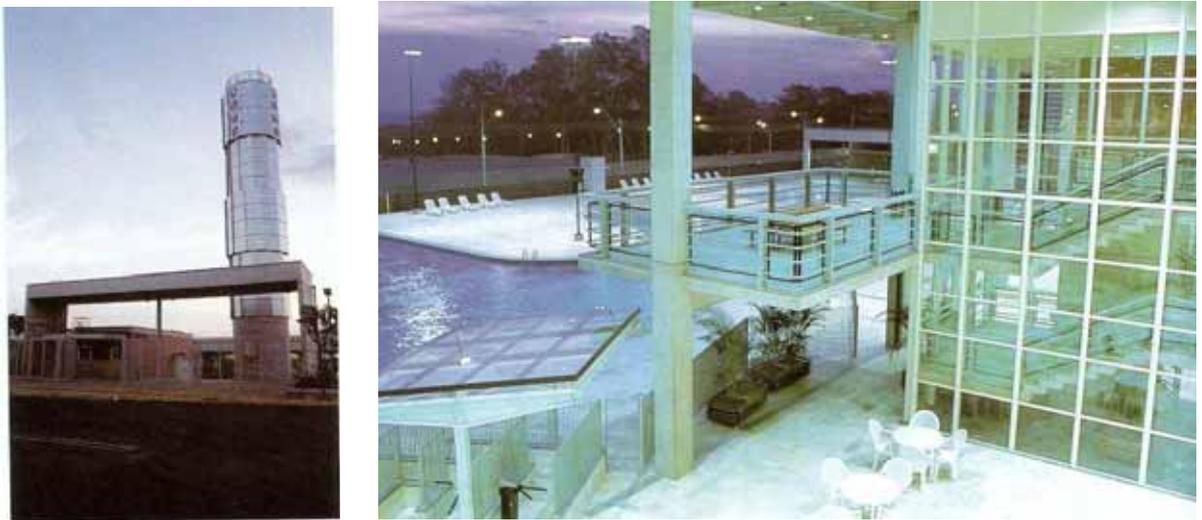


Figura 1. À direita o pórtico e a caixa d'água marcando o acesso principal , á esquerda a transparência e visibilidade do edifício pelos vidros, aberturas e pé-direitos duplos. Fonte: Wolf (2000)

O arquiteto segundo Elito tinha a intenção de criar uma espécie de *shopping* cultural, com os serviços ao redor e uma praça de encontro das pessoas. O visitante cruza com jovens e crianças de bermudas, chinelos do tipo havaiana ou tênis importados e idosos. Na praça há vários bancos de concreto com formas sinuosas ou coloridas, e em uma parede um painel em alvenaria reproduzindo o sol e a lua, em alto relevo, desenhados por

Sanovicz. Em uma região sujeita a altas temperaturas, a presença de beirais e varandas favorece o conforto ambiental.



Figura 2. À direita praça de convivência: ponto de encontro, á esquerda bancos de concreto com formas sinuosas. Fonte: Wolf (2000)

Na definição do partido arquitetônico, o terreno em declive e a orientação cardinal motivaram a distribuição dos espaços e das funções. O conjunto aquático ficou suspenso sobre uma laje apoiada em pilares de concreto, em uma área de quase quatro mil metros quadrados e numa área de maior insolação. Uma praça central de convivência interliga dois grandes blocos, formando um H. Salas de ginástica, de exposições e leitura, salas-multiuso, sala-multimídia, a clínica odontológica e a lanchonete se encontram nos blocos. As quadras e o ginásio poliesportivo para treinamento, competições e lazer, estão nas laterais do prédio. O ginásio também é utilizado para *shows* e outras atividades culturais, possuindo um sistema cenotécnico de iluminação. O isolamento acústico é garantido pelas telhas metálicas zipadas na cobertura, com recheio de lã de rocha. Também há um teatro com trezentos lugares na parte interna.

A estrutura é de concreto moldado *in loco*, paredes de alvenaria com tijolos laminados à vista, divisórias de alumínio e vidros. Equipamentos, como tubulações elétrica, hidráulica e dutos, foram deixados a mostra adquirindo a forma de uma escultura metálica fabril.

A cidade de Araraquara movida pelas indústrias cítrica e de cana-de-açúcar, com 180 mil habitantes estava carente de equipamentos e áreas de lazer de grande porte.

O projeto é elogiado pelo gerente do Sesc-Araraquara, Sérgio Lago, pelo aproveitamento racional, funcionalidade, facilidade de circulação, estética e conforto acústico e ambiental.

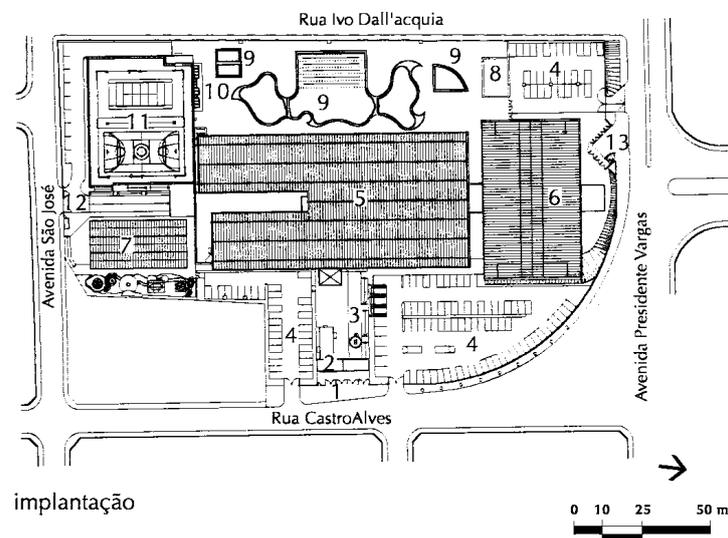
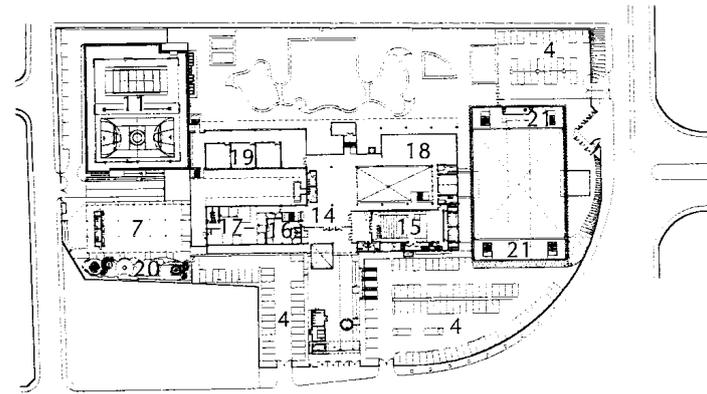
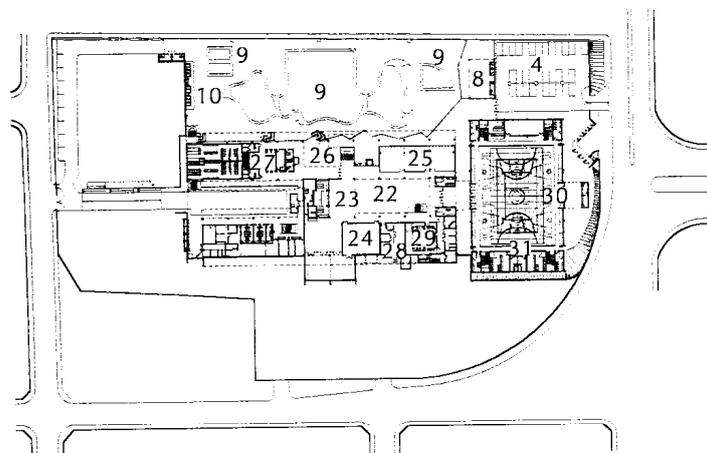


Figura 3. Implantação. Fonte: Wolf (2000)



nível de acesso



nível inferior

- | | | |
|------------------------------|--------------------------------|------------------------------|
| 1. acesso principal | 13. acesso/ginásio | 22. área de convivência |
| 2. portaria/control | 14. recepção | 23. lanchonete |
| 3. caixa-d'água | 15. teatro | 24. sala-multimídia |
| 4. estacionamento | 16. clínica odontológica | 25. salas-multiuso |
| 5. edifício-sede | 17. administração | 26. terraço |
| 6. ginásio de eventos | 18. exposições/sala de leitura | 27. vestiários |
| 7. convivência/parte externa | 19. atividades corporais | 28. máquinas/ar-condicionado |
| 8. piscinas/recreação | 20. recreação infantil | 29. fosso |
| 9. piscinas | 21. mezzanino/ginásio | 30. quadra coberta |
| 10. cortina de água | | 31. vestiários/camarins |
| 11. quadras externas | | |
| 12. acesso/serviços | | |

Figura 4. Plantas: nível de acesso, nível inferior e legenda. Fonte: Wolf (2000)

2.2. Sesc São Carlos

Segundo Teperman (1996) o Sesc, ocupando a área central da cidade de São Carlos, apresentava limitação físico-operacional em suas instalações, comprometendo desta forma a melhoria, diversificação e implementação dos projetos da entidade. A solução para este problema foi a doação pela prefeitura de um terreno no bairro de Gibertoni, região em processo de consolidação e de ocupação predominantemente residencial.

Sérgio Teperman e equipe foram contratados para desenvolver a proposta de arquitetura. O extenso programa de necessidades teria que ser organizado num terreno relativamente pequeno e acidentado. Desta forma opta-se por privilegiar as atividades abrigadas, fragmentadas em diversas massas construtivas, destinadas a diferentes usos. Esta solução possibilitou o maior uso dos equipamentos ao longo do ano, independente das condições climáticas.



Figura 5. Diversas volumetrias destinadas aos diferentes usos. Fonte: Teperman (1996)

A configuração arquitetônica de alguns dos prédios alude a clássicos arquétipos formais: a casa coberta por telhado em duas águas no setor de

convivência, e a imagem do pavilhão industrial marcado pelo ritmo serrilhado dos sheds no ginásio poliesportivo. Foi adotada a planta livre resultando em significativas estruturas de cobertura, como as tesouras metálicas. O conforto ambiental foi item fundamental do projeto, traduzindo-se no cuidado com elementos como dispositivos para isolamento acústico, esquemas de ventilação natural permanente, aberturas estratégicas para captar luz natural, etc. Algumas das estratégias empregadas foram as paredes duplas, sheds para iluminação/ventilação, esquemas de ventilação cruzada, placas suspensas junto à cobertura como elementos acústicos na área de convivência e ginásio.



Figura 6. Ginásio poliesportivo. Fonte: Teperman (1996)

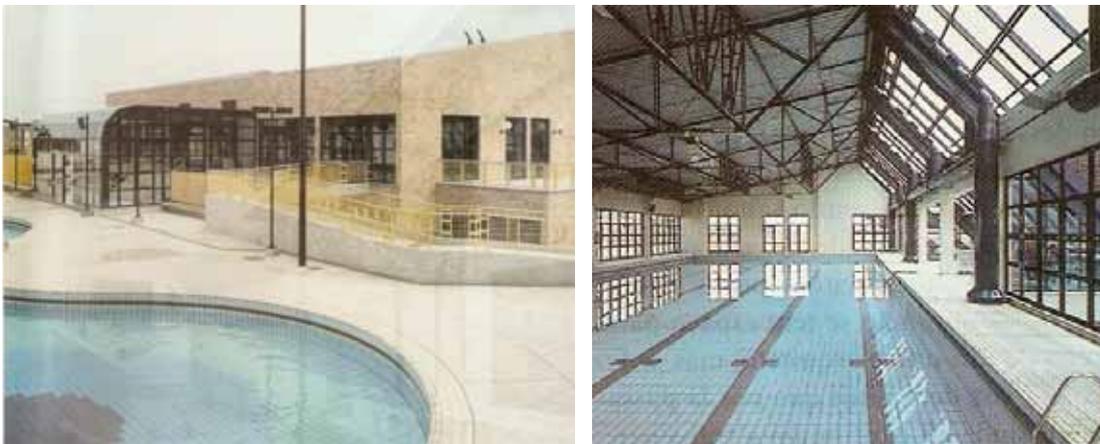


Figura 7. Pavilhão da piscina. Fonte: Teperman (1996)



Figura 8. Área de convivência. Fonte: Teperman (1996)

Cada bloco foi dado a um arquiteto, em virtude dos prazos, e as interligações foram mais funcionais do que formais. O resultado foi uma arquitetura coletiva, dinâmica, resultante da intensa participação e convergência de esforços da equipe e cliente.

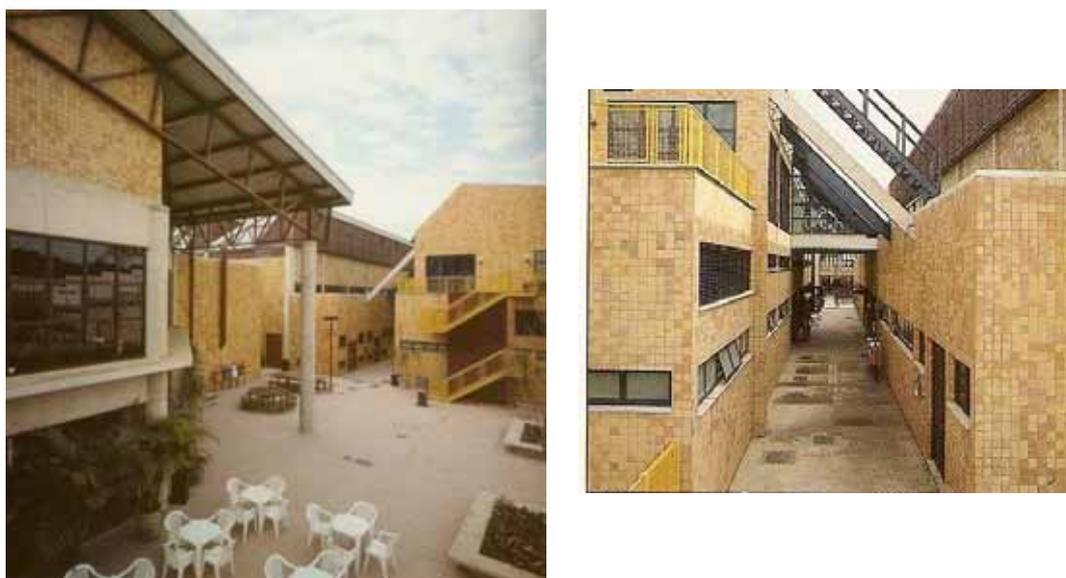


Figura 9. Praça/rua entre o ginásio e piscina coberta: espaços que evocam qualidades urbanas. Fonte: Teperman (1996)

Nas palavras de Sérgio Teperman, o projeto é uma bagunça organizada, com uma impressionante integração de espaços, de circulações, de funções. Blocos de alturas diferentes, espaços estreitos e praças abertas, escadarias e rampas, tudo se interligando como podia, com o mesmo material, recriando sem querer uma pequena cidade medieval.

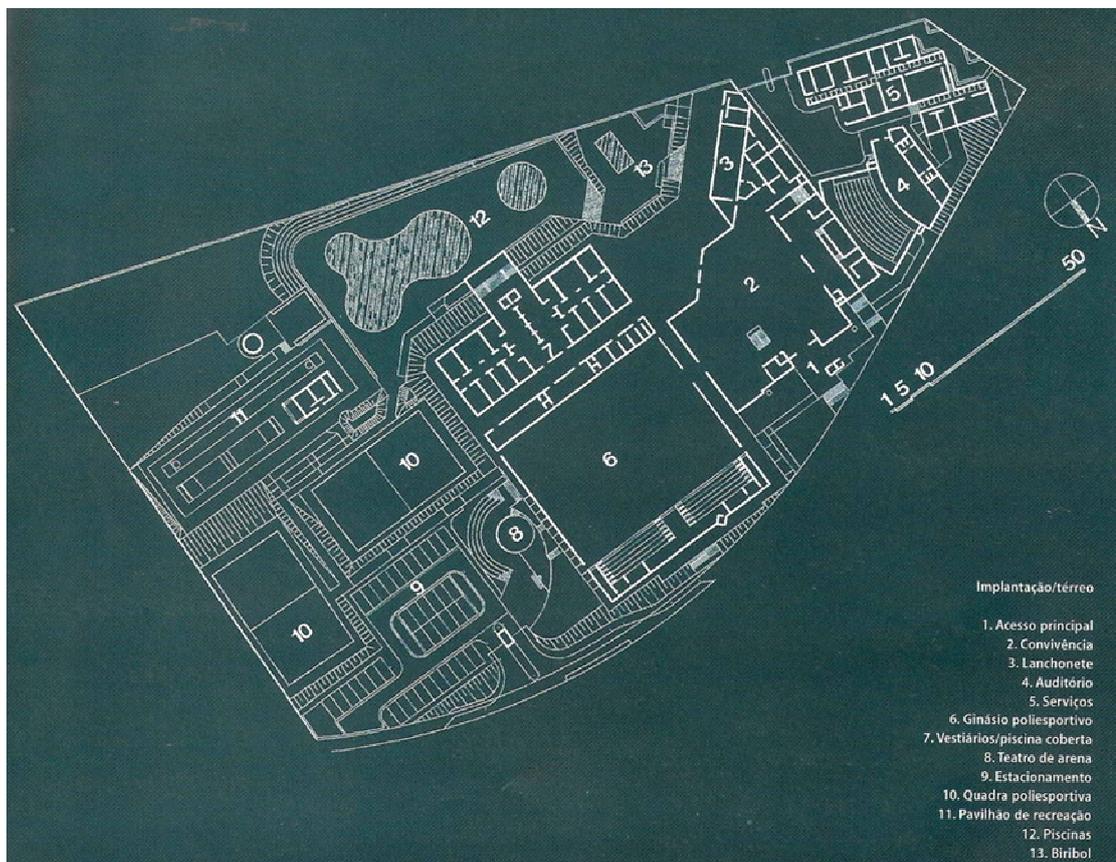


Figura 10. Implantação/térreo. Fonte: Teperman (1996)

2.3. Sesc Santana

Segundo Leal (2005) o Sesc Santana foi construído no bairro de Jardim São Paulo, uma região que tinha carência por espaços públicos e instalações de lazer, e o nome “Santana” foi emprestado do bairro vizinho que é mais conhecido na cidade. Projetado por Miguel Juliano o Sesc possui 19 mil m² de área construída dividida em dois subsolos, térreo com mezanino e dois pavimentos. O ponto de partida do projeto foi a integração harmoniosa entre os usuários possibilitada pela comunicação entre os níveis, feita por rampas (priorizando a acessibilidade universal) e transparências. Nesta instalação há atividades de ginástica, ioga, teatro, internet livre, cursos e clínica odontológica.



Figura 11. Entrada principal, o colorido intenso do edifício o destaca na paisagem da avenida Luiz Dumont Vilares. Fonte: Leal (2005)



Figura 12. Á direita área de convivência e á esquerda restaurante. Fonte: Leal (2005)

Na entrada há um saguão que se divide em dois níveis: o térreo superior e o inferior. No térreo superior estão instalados a internet livre e a Comedoria. No inferior se encontra a oficina e área de atendimento e na outra extremidade a piscina, com um pé-direito que se estende até o primeiro andar, unindo os pavimentos. A piscina possui uma cobertura de vidro refletido, material que permite a passagem da luz natural e bloqueia radiações solares, promovendo o consumo de energia e conforto do usuário. Uma passarela, estruturada sobre duas grandes vigas metálicas e com cobertura de vidro, atravessa todo vão da piscina ligando o mezanino a um solário existente nos fundos do edifício. A passarela forma uma espécie de túnel transparente permitindo o contato visual com a piscina.



Figura 13. Espaço de internet livre. Fonte: Leal (2005)



Figura 14. Piscina e passarela de comunicação. Fonte: Leal (2005)

As salas de ginástica e o setor de atendimento odontológico ficam no primeiro andar e o ginásio de esportes, no segundo andar. O ginásio possui cobertura retrátil de vidro refletivo, permitindo a passagem da luz natural. No subsolo há dois níveis de estacionamento e teatro.

No projeto foi considerado problemas de enchentes na região, desta forma as entradas foram colocadas acima do nível de enchente previsto e na entrada principal foi erguido um muro de concreto.

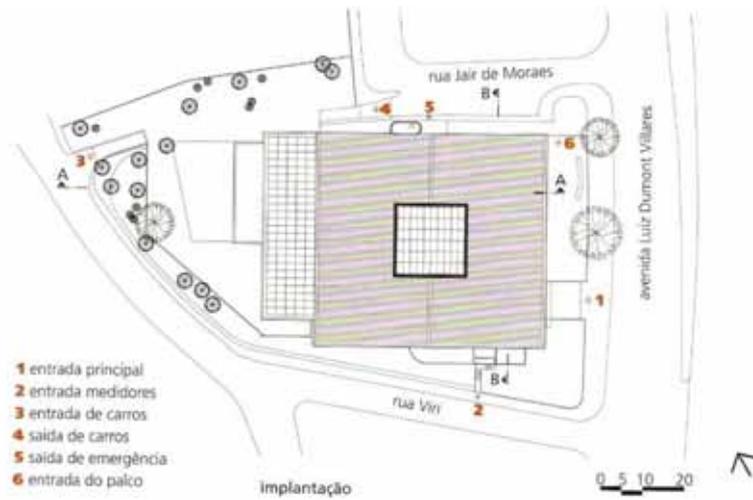


Figura 15. Implantação. Fonte: Leal (2005)

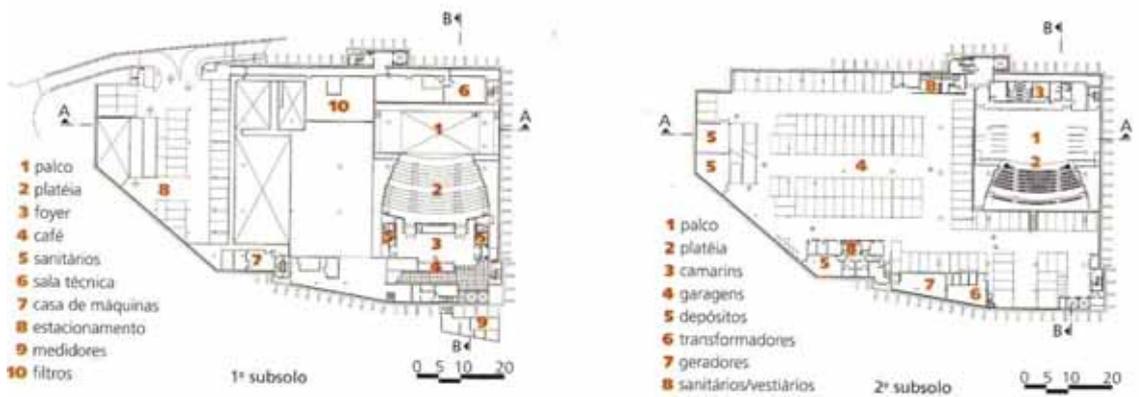


Figura 16. Plantas: 1º subsolo e 2º subsolo. Fonte: Leal (2005)

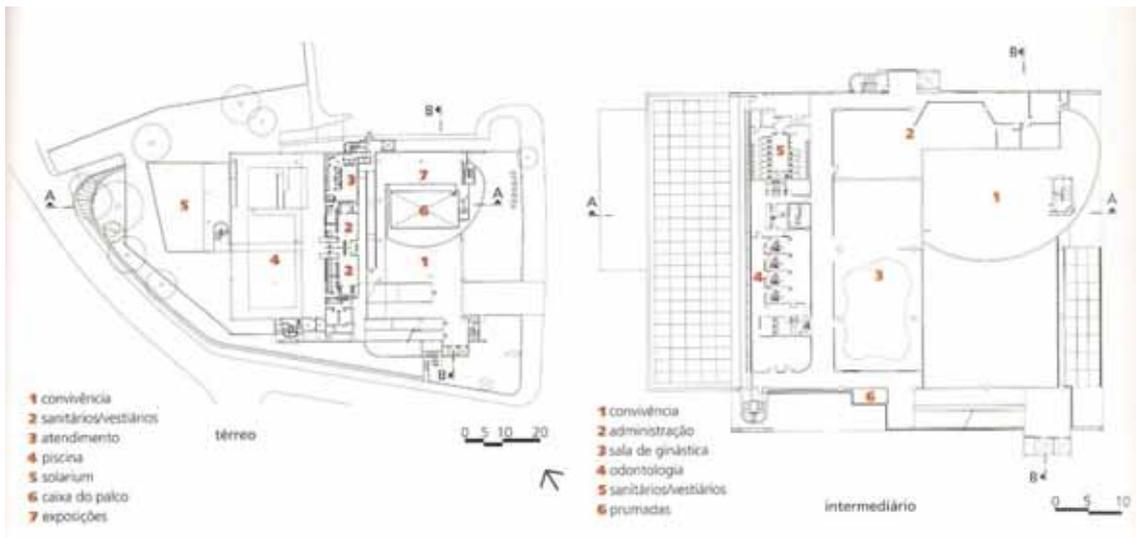


Figura 17. Plantas: térreo e intermediário. Fonte: Leal (2005)

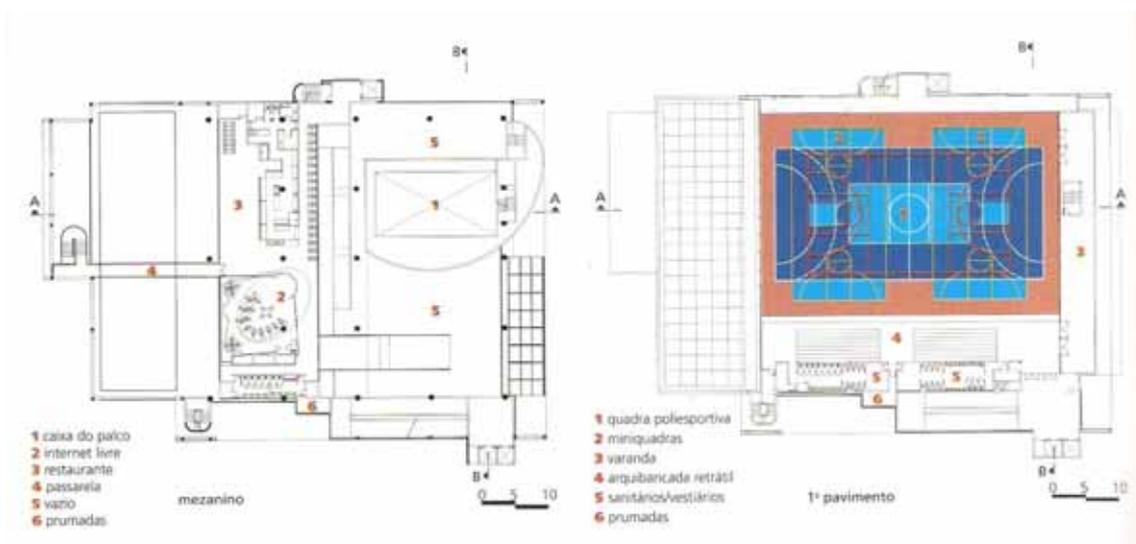


Figura 18. Plantas: mezanino e 1º pavimento. Fonte: Leal (2005)

3. A cidade de Espírito Santo do Pinhal

3.1. Breve histórico

O nome da cidade originou-se da Fazenda do Pinhal, localizada nesta região, que tinha este nome pela grande quantidade de araucárias que existiam no local, recebendo o nome de Vila de Pinhal. Em 1938 passa-se a se chamar Pinhal, mas em 1974 pela votação na Câmara Municipal prevalece Espírito Santo do Pinhal. Espírito Santo é o padroeiro da cidade, surgindo da profunda fé de Romualdo de Souza Brito e sua esposa, Tereza do Espírito Santo. Estes, para solucionar o problema de demanda de posse de terras, doaram as terras, quarenta alqueires de terras retiradas da Fazenda do Pinhal, pertencente à freguesia de Mogi Guaçu para a formação do patrimônio do Divino Espírito Santo, surgindo assim a cidade de Espírito Santo do Pinhal.



Figura 31. Vista parcial da cidade. Fonte: Tessarini (2008)

3.2. Localização e aspectos geográficos

Segundo Tessarini (2008) Espírito Santo do Pinhal está situada na região Sudeste do País, possui uma área de 394 quilômetros quadrados e a altitude da sede atinge 870 metros.

O clima é temperado e está a uma latitude 22°11'00" Sul e uma longitude 46° 44'00" Oeste.

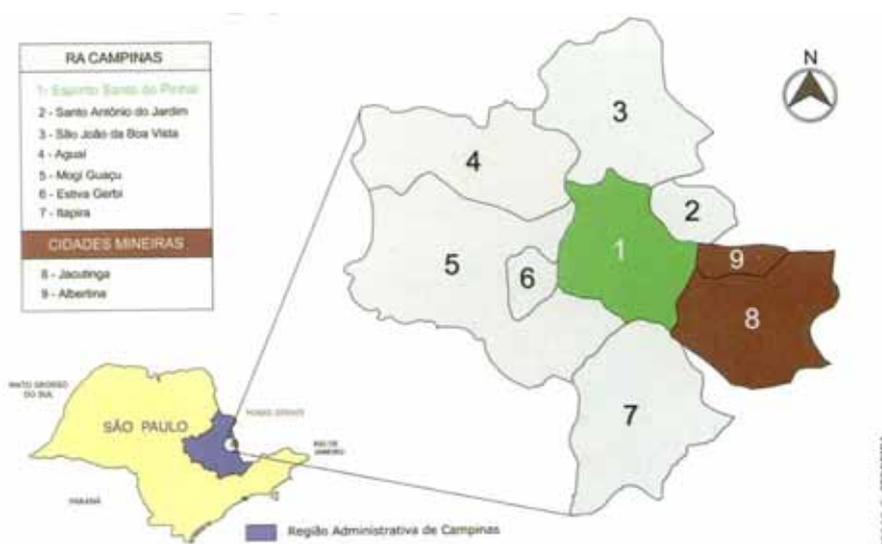


Figura 30. Espírito Santo do Pinhal e cidades limítrofes. Fonte: Tessarini (2008)

“Situa-se a apenas dois quilômetros do trevo da estrada asfaltada que liga Campinas a Poços de Caldas, MG, no lado direito da estrada que passa por Andradas, MG, e a 199 quilômetros da Capital do Estado, pela Rodovia Campinas – Águas da Prata.” Pertence à região da Baixada Mogiana, à Região Administrativa de Campinas e à Região de Governo de São João da Boa Vista. Segundo estimativa da Seade, em 2005 a população era de 42.630 habitantes.

As temperaturas médias anuais oscilam de 17°C a 19 °C. No verão as médias térmicas ficam entre 20 °C e 21 °C e no inverno as médias ficam entre 14 °C e 16 °C.

A mata original do município era a Floresta Latifoliada Tropical, entre as espécies vegetais que eram encontradas estão: alecrim, angico, araruva, aroeira, cedro, embaúba, guarantã, guatambu, ipê-amarelo, ipê-banco, ipê-roxo, jacarandá, jequitibá, macaúba, peroba e muitas outras entre cipó, trepadeiras, parasitas , epífitas, etc.

O relevo é composto por morros e cristais, com estrutura típica dos “mares de morros” e as altitudes variam de leste para oeste: na divisa com o estado de Minas Gerais estão entre novecentos e 1100 metros e, na parte central, onde está a sede municipal, entre oitocentos e novecentos metros.

3.3. Urbanização da cidade

Segundo Tessarini (2008) o sítio urbano (local em que a cidade se desenvolve) de Espírito Santo do Pinhal é constituído por colinas alongadas, separadas por vales fluviais abertos. A expansão da cidade foi orientada pela topografia de seu sítio urbano, sendo que a colina central ou da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo foi o primeiro ponto a ser habitado. O traçado das ruas segue a tradição portuguesa, do tabuleiro xadrez, mas em virtude do relevo nem sempre as ruas recebem o traçado geométrico. O eixo central da cidade não é uma reta perfeita, sendo formado pelas ruas XV de Novembro e José Bonifácio (Rua Direita) onde sofre um desvio para esquerda e acaba bruscamente, em virtude dos

grotões nas imediações do estádio Fernando Costa, na Escola Cardeal Leme.



Figura 19. Vista do jardim da Praça da Independência, vendo-se a fonte luminosa e a pérgula. Fonte: Tessarini (2008)

Em razão do relevo mais propício, suave e com horizontes abertos, na direção oeste se deu o crescimento e desenvolvimento da malha urbana. Na direção leste o crescimento foi limitado pelo relevo, impróprio para expansão urbana. A primeira “vila” a romper o núcleo inicial foi a Vila Monte Negro, que se encontra hoje ao redor da Igreja São João. O crescimento para oeste pode ser explicado, além da topografia favorável, pela chegada dos trilhos da Mogiana, a construção de gares e armazéns de café. Ao sul houve mais dificuldade de houve mais dificuldade de expansão, os grotões da fazenda fechavam a cidade nesta direção e o Estádio Fernando Costa só foi possível de ser construído com terraplanagem. Ao norte da cidade os limites eram estabelecidos pelos córregos da Maria Joaquina, do Sertãozinho e o Ribeirão dos Porcos, além deles havia um cinturão verde que abastecia a cidade com verduras, frutas e legumes e flores.

A cidade começa a subir colinas e descer vales, rompendo limites urbanos a partir da década de 1950. Aumenta o êxodo rural e novos bairros, loteamentos e núcleos habitacionais começam a ocupar as chácaras, pastagens, sítios e fazendas que rodeavam a cidade. Ao norte surge a Vila Moreira, ultrapassando o Ribeirão dos Porcos e da Maria Joaquina, ao leste surge a Vila Palmeira, Vila Maringá e Vila Pinhal Jardim, a oeste a Vila Centenário e a Vila Norma e no extremo sul a Vila Nossa Senhora de Fátima.

Na década de 1960 ao norte aparecem o Jardim Nova Pinhal, Jardim Rosely, Vila Mosconi, a leste surge a Vila São Paulo, a sul o Jardim Universitário e a oeste, depois do Córrego Maria Amélia, surge a Vila São Pedro.

Na década de 1980 surgem 58 bairros novos. A oeste surge os jardins das Rosas e Pedro Corsi, a Vila Santa Rita, O Jardim Santa Cecília e o Jardim do Trevo, a leste, os bairros Jardim São Benedito, Jardim das Flores, Jardim Santa Marina, Jardim Paulista e Jardim Florence, ao sul surgiu o Jardim Universitário II, graças a Faculdade da Fundação Pinhalense de Ensino.

A demarcação de um Centro Empresarial e de um Distrito Industrial é feito no final da década de 1980.

Desaparece a forma original norte-sul, sendo que hoje o sentido é leste-oeste. Há também um crescimento vertical, com a construção de prédios e apartamentos.

Em 1999 a cidade passou a ter cerca de setenta bairros e novos distritos industriais estão delineados para receber novos investimentos.

3.4. Economia Cafeeira

Segundo Tessarini (2008) as condições naturais no município, sua localização em região montanhosa e clima ideal para cafeicultura, permite a produção



dos chamados “cafés finos”. O café pinhalense possui uma tradição de qualidade que é reconhecida nacional e internacionalmente, pelo preparo esmerado, consistência das características e sabor e aroma superior. O tipo do café produzido é de qualidade arábica, sendo uma das espécies mais conhecidas no mundo.

Espírito Santo do Pinhal tem sua economia estruturada em torno da cultura do café desde 1870, que suscitou o desenvolvimento de atividades que se destacaram, como o centro de comercialização de café, o pólo produtor de equipamentos para processamento de café e o centro de pesquisas cafeeiras.

Conhecido pela produção, comercialização e desenvolvimento de tecnologia própria para o beneficiamento do café, o comércio de café logo ganhou a escala regional. No comércio, escritórios de café, corretores e transportadores sempre movimentaram a vida econômica da cidade. Atualmente conta com mais de trinta empresas de comércio e exportação.

Há mais de 250 propriedades dedicadas ao cultivo do café atualmente, com dez milhões de covas e produção anual em torno de

duzentas mil sacas de café beneficiado, sendo que oitenta por cento dessa produção são exportados e vinte por cento servem o mercado interno.

3.5. Espaços culturais

Segundo Tessarini (2008) fundada em 1979, a Associação Pinhalense de Cultura – APC tem 27 anos de existência e seus fundadores, reunidos pela primeira vez no Cine Teatro Avenida, tinham como objetivo promover eventos culturais da cidade. Atuou no tombamento da Mata da Fazenda Palmeiras (1980), na aquisição do Cine Teatro Avenida pelo município (1982), o tombamento do núcleo Histórico e Urbano de Espírito Santo do Pinhal e, em 1986 de mais doze imóveis de reconhecida importância pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo.

3.5.1. Cine Teatro Avenida

Foi inaugurado em 29 de dezembro de 1927 por obra de três famílias pinhalenses: os Bartolomei, os Galeano e os Martins. Apresentava filmes, peças de teatrais, festas de formatura, conferências e outros eventos, sendo palco de cultura e lazer durante décadas.

Nas décadas de 1930 e 1940 muitas companhias de teatrais se exibiram. Havia um grupo da Rua Barão, o Esporte Clube Comercial, nos anos 1940 e um grupo da Sociedade São Vicente de Paulo, na Rua Pinheiro Machado. Funcionou durante muito tempo como cinema e aos domingos aconteciam vesperais. Praticamente desativado nos anos 1960 cede lugar

a eventos esporádicos, abrigando por um tempo a Pinhal Rádio Clube. Em 1976 apresenta o último espetáculo, com os atores Lima Duarte e Armando Bogus na peça *Bonifácio Bilhões*.

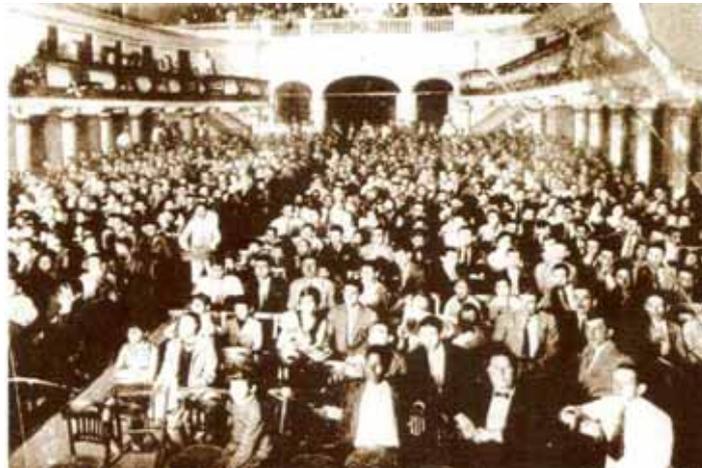


Figura 20. Vista geral da platéia e camarotes no dia da inauguração do Cine Teatro Avenida. Fonte: Tessarini (2008)

O Cine Teatro Avenida passa a fazer parte do patrimônio público de Espírito Santo do Pinhal, em 1982, por ação da Associação Pinhalense de Cultura e 1986 é feita licitação para projetos de restauro. O imóvel é tombado pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) em 1992 também pela atuação da APC. Com o objetivo de administrar o restauro do prédio formou – se a AATA – Associação Amigos do Cine Teatro Avenida.



Figura 21. Teatro Avenida restaurado. Fonte: Tessarini (2008)

3.5.2. Museu e Biblioteca dr. Abelardo Vergueiro César

Atendendo a toda comunidade escolar e população em geral a biblioteca reúne obras de todos os gêneros e ramos do conhecimento. Em 1943 foi fundado por Abelardo Vergueiro César, Francisco Álvares Florence e Joaquim Manoel Gonçalves. O prédio é tombado pelo Condephaat fazendo parte do patrimônio histórico do município.



Figura 22. Museu e Biblioteca dr. Abelardo Vergueiro César. Fonte: Tessarini (2008)

O acervo do museu reúne objetos pessoais de d. Sebastião Leme da Silveira Cintra, o Cardeal Leme, Abelardo Vergueiro César, artefatos da Revolução Constitucionalista de 1932 e uma pinacoteca com obras de Aldemir Martins, Di Cavalcanti e Reis Júnior e de artistas locais. Possui peças indígenas das antigas comunidades da região e também há peças do período escravocrata: artefatos como armas, roupas, utensílios domésticos e instrumentos de tortura de escravos. Reúne, ainda, em seu acervo, documentos, jornais, revistas e fotografias que contam parte importante da história de Espírito Santo do Pinhal.

O edifício de estilo senhorial, assobradado, pertenceu a um dos patriarcas pinhalenses, o coronel Francisco Ribeiro. Ao lado do grande prédio há um pavilhão destinado à Biblioteca Infantil D. Anita Costa, doação da ilustre dama paulista.



Figura 23. Vista parcial do Museu e Biblioteca dr. Abelardo Vergueiro César na época da inauguração (ao fundo a sala Cardeal Leme). Fonte: Tessarini (2008)

3.5.3. Casa do Escritor

A Casa do Escritor Pinhalense Edgard Cavalheiro foi fundada em 28 de junho de 2000 e funciona no Museu e Biblioteca dr. Abelardo Vergueiro César. Seu objetivo é promover o aprimoramento da poesia e prosa, escritas em português e incentivar a escrita e leitura.

3.6. Música e artes plásticas

Espírito Santo do Pinhal possui uma longa tradição musical, se destacando as *jazz-bands*: Pinhal Jazz, Centenário Jazz, Banda Santa Cecília Jazz e Jazz Odeon, além de conservatórios.

3.6.1. Orquestra Cacique de Pinhal

No ano de 1955, Espírito Santo do Pinhal possuía duas pequenas orquestras: Pinhal Jazz, fundada em 1942, e Centenário Jazz, fundada em 1949. O dirigente da Pinhal Jazz, Sr. Benedito Pierotti é afastado por motivos de saúde. Desta forma o músico Antônio Ferreira Gomes e o sr. Sílvio Bertoldo da Orquestra Centenário Jazz, resolvem montar uma nova orquestra com mais componentes que passa a se chamar Orquestra Cacique.

A Orquestra Cacique foi fundada em 23 de julho de 1955 e conduzida pelo maestro Elsie Almas Torres. Seguindo o estilo das *big bands* norte-americanas da década de 1950, a orquestra viajou por várias cidades brasileiras. Hoje a Orquestra não existe mais.



Figura 24. Orquestra Cacique. Fonte: Tessarini (2008)

3.6.2. Banda Filarmônica Cardeal Leme

Inicialmente recebe o nome de banda Marcial e foi fundada em 13 de setembro de 1981. No concurso promovido pela Secretaria de Esportes e Turismo de São Paulo conquistou, de 1991 a 1998, os títulos de Campeã do Interior do Estado, Campeã Estadual e Bicampeã Nacional passando a chamar-se Banda Filarmônica Cardeal Leme. Nestes eventos passa a participar apenas como convidada *hors concurs*.

Representando o Estado de São Paulo, em 1998, foi vice-campeã em Brasília no concurso promovido pelo Rotary Club do Brasil.

O maestro Agenor Ribeiro Neto (regente da Sinfônica Municipal de Poços de Caldas, Jazz Sinfônica de São José do Rio Pardo e arranjador e Maestro da EPTV Campinas) assume a regência, a partir de fevereiro de 2005.

Os ensaios da Banda Filarmônica Cardeal Leme acontecem na Escola Estadual Cardeal Leme.



Figura 25. Apresentação da Banda Filarmônica Cardeal Leme para a TV Canção Nova, em São Paulo, no Colégio Arquidiocesano. Fonte: Tessarini (2008)

3.6.3. Projeto Guri

Hoje contando com o apoio de vários setores da sociedade, como o terceiro setor e a iniciativa privada, o Projeto Guri é uma organização social sem fins lucrativos que surgiu há onze anos na Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. O objetivo do projeto é promover a inclusão social e cultural por meio do ensino coletivo da música, desenvolvendo a sociabilidade, a auto-estima e o senso de cidadania.

Com o objetivo de fomentar a musicalidade em crianças, jovens e adolescentes entre oito e dezoito anos de idade, começou a funcionar em Espírito Santo do Pinhal, em 22 de fevereiro de 2006. O corpo de docente é especializado nas áreas de percussão, metais, cordas e madeiras, e tem na estrutura pedagógica estudos de música popular e erudita, possuindo coral e orquestra.

As aulas acontecem em um prédio antigo localizado no centro. Há salas de coral, cordas (violino, violoncelo, viola erudita, contrabaixo acústico), metais (trombone, trompete e bombardino) e madeiras (flauta,

transversal, clarinete e saxofone). As salas são pequenas e não há tratamento acústico. Há necessidade de mais salas e de uma sala para guardar os instrumentos.



Figura 26. Prédio onde funciona o Projeto Guri. Fonte: Tessarini (2008)



Figura 27. Projeto Guri. Fonte: Tessarini (2008)

3.6.4. Banda Santa Cecília

Com o objetivo de retomar a alegria da banda na praça, a característica principal da Banda Santa Cecília é a presença da “velha” e da “nova” geração de músicos de Espírito Santo do Pinhal, que se unem para trazer alegria aos domingos à noite. As apresentações acontecem em um domingo por mês no coreto da Praça Matriz e o repertório é repleto de músicas do cancionero popular brasileiro.

Os ensaios da banda acontecem na própria praça antes das apresentações.



Figura 28. Banda Santa Cecília. Fonte: Tessarini (2008)

3.6.5. Coral Pinhalense

Conta com 27 anos de existência e foi fundado em 15 de maio de 1980. Robson B. Cavalcanti é o atual regente do coral.

Participou da missa na Basílica Nacional de Aparecida, transmitida pela TV Cultura, SP. Em 2003, gravou o Hino Municipal de Espírito Santo do Pinhal juntamente com a Banda da Academia da Força Aérea de Pirassununga.

Destacam-se entre suas apresentações, os Encontros de Corais em São João da Boa Vista, Aguai e Poços de Caldas, o X Femaca, em São Luís, MA, e o V Canta Brasil, em São Lourenço, MG.

Os ensaios acontecem em um prédio localizado no centro.



Figura 29. Coral Pinhalense. Fonte: Tessarini (2008)

3.6.6. Artes Plásticas

A partir da segunda metade do século XX as Artes Plásticas passaram a ter maior relevância em Espírito Santo do Pinhal. Artistas notáveis e obras de extraordinária qualidade tornam importante o acervo pictórico produzido na cidade. Há carência na cidade de locais para exposições de trabalhos. Algumas exposições acontecem no prédio do Casarão, localizado no centro, que não possui local apropriado para esta finalidade.

3.6.7. Considerações

A maioria das atividades musicais não possui locais apropriados para aulas e ensaios, e as atividades que possuem um local como o Projeto Guri, apresenta falta de espaço e estrutura carente, como a falta

de tratamento acústico. Portanto pretendo que o projeto do Centro Cultural e de Convivência possa atender estas atividades pela presença de salas de tamanhos variados, atendendo as mais diversas atividades existentes na cidade, e tratamento acústico adequado. O mesmo acontece com as artes plásticas, que não possuem um local adequado para exposições, desta forma o projeto também contará com um espaço no qual possa ser realizado exposições.

Atividades de dança também não possuem local apropriado na cidade, acontecendo às vezes em alguma academia, não havendo escolas especializadas. Assim o projeto também contará com salas de dança.

4. Acústica

O projeto necessitou de um tratamento acústico por abrigar diversas salas destinadas a atividades musicais.

Segundo Souza a queda da intensidade sonora também ocorre em função da absorção sonora dos materiais. Ao incidir sobre uma superfície parte da energia sonora é refletida e a outra parte é absorvida pelo material e normalmente quanto mais poroso o material, maior a absorção. Os materiais empregados para diferentes casos têm objetivos e características diversas entre si, e para utilização do material adequado é importante o arquiteto distinguir entre os materiais isolantes e absorvedores. Um bom material isolante nem sempre é um bom absorvente, ou vice-versa. O material isolante aplicado sobre a parede promove a redução do nível sonoro transmitido para outro ambiente, enquanto um material absorvente regula a quantidade de absorção do

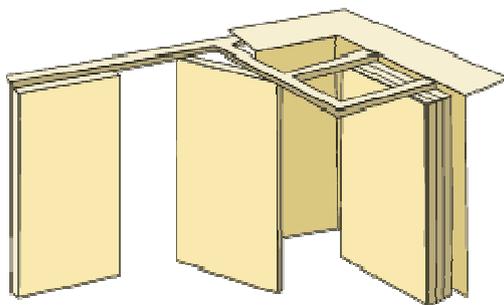
som dentro do próprio ambiente. Uma solução apropriada para atenuação sonora pode ser a composição de paredes duplas com espaço de ar entre elas. É aconselhável a aplicação de materiais absorvedores no interior do espaço de ar entre as paredes duplas.

Elementos prejudiciais ao isolamento acústico de uma edificação são as aberturas, portas e janelas, pequenas frestas permitem a passagem do som. O isolamento alcançado para aberturas de portas depende em grande parte da massa da folha e da forma de montagem, e a vedação é primordial. Para as janelas podem ser utilizadas as com painéis duplos, o aumento de espaço de ar entre os painéis, aumentam o isolamento acústico.

Segundo Nakamura (2004) a maior parte das soluções anti-ruído utilizadas hoje recorre ao conceito de descontinuidade dos meios, no qual um material absorvente é inserido no vão formado por duas placas rígidas. A diversidade de materiais acústicos não é grande: restringe-se a espumas, lãs minerais, tecidos absorventes, madeira e gesso. A possibilidade de utilizá-los em diferentes densidades e locais permite a obtenção de um bom desempenho. As lãs minerais podem ser aplicadas no forro, na cobertura e no miolo das divisórias. De acordo com o tipo de função que podem desempenhar em determinado ambiente, os materiais disponíveis para tratamento acústico se classificam em: isolantes, refletores, difusores e absorventes. Os isolantes impedem a transferência do ruído de um ambiente para o outro, são materiais densos e pesados, como tijolo maciço, pedras lisas, gesso, madeira, chumbo e vidros com espessura mínima de 6 mm. Os refletores podem ser isolantes mas aumentam a reverberação interna do som, são materiais lisos, como

revestimento cerâmico, massa corrida, madeira e papel de parede. Os difusores refletem o som de forma difusa, sem ressonâncias, são compostos de materiais refletores colocados em superfícies irregulares como pedras ou lambris de madeira. Os absorventes não deixam o som passar de um ambiente para o outro e evitam o eco, são materiais leves, ao contrário dos isolantes, de baixa densidade, fibrosos ou de poros abertos, desta forma o material que tem grande poder de isolamento acústico quase não tem poder de absorção. A lã ou fibra de vidro revestido, manta de poliuretano, forrações com cortiça, carpetes grossos e cortinas pesadas de veludo ou linho, entre outros tecidos são exemplos de materiais absorventes.

No projeto será utilizado as divisórias móveis acústicas. As faces são em gesso e aço. As paredes móveis acústicas possibilitam a flexibilidade dos espaços pelos seus painéis que se deslocam conforme a necessidade.



Esquema de montagem dos painéis.





① Praça da Independência



① Igreja Matriz do Divino Espírito Santo





② Museu e Biblioteca dr. Abelardo

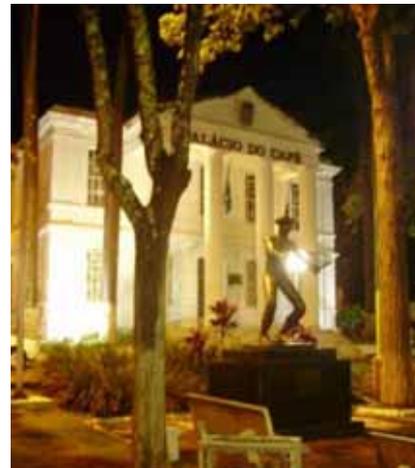
Vergueiro César



③ Casarão



④ Cine Theatro Avenida



⑤ Palácio do café – Prefeitura



⑥ Estádio Municipal Dr. Fernando Costa



⑦ Escola Estadual Cardeal Leme

5.2. Lugar



Figura 34. Foto aérea do terreno e seu entorno.

- ① Estádio Municipal Dr. Fernando Costa
- ② Igreja Santo Antônio
- ③ Escola Estadual Cardeal Leme

A escola era chamada Instituto de Educação Cardeal Leme. Recebeu este nome em homenagem a d. Sebastião da Silveira Leme, o cardeal Leme, que nasceu na cidade. Funcionavam os cursos Pré – primário e Colegial e depois passa a ser chamado Escola Estadual Cardeal Leme, oferecendo Ensino Fundamental e Médio. Hoje funcionam os cursos de

Ensino Fundamental Ciclo II (5º à 8º séries), Ensino Médio, Curso Normal e Tele-Sala.

A escola é delimitada por um talude, possuindo desta forma uma grade de proteção. Este talude é uma visual do terreno que será feito o projeto.

O estádio Municipal Dr. Fernando Costa é um local bastante usado pela população pois possui pista para caminhada, quadra de futebol, basquete, vôlei, pista de skate e piscinas. Muitos eventos ocorrem neste local, como campeonatos de futebol, festas, eventos religiosos. A tradicional festa do café também ocorrem neste local, possui esse nome em razão ao produto de nossa economia, esta festa é realizada todos os anos com shows de bandas e artistas famosos.



Figura 35. Estádio Municipal Dr. Fernando Costa.



Figura 36. Piscinas do Estádio Municipal Dr. Fernando Costa.



Figura 37. Talude atrás do Estádio Municipal Dr. Fernando Costa.

O local escolhido para o projeto possui vista para a cidade e o pôr do sol.



Figura 38. Foto aérea do terreno

1 Capitão Carlos Teixeira

2 Guerino Costa



L1 Talude da Escola Estadual Cardeal Leme - vista da Rua Capitão Carlos Teixeira



L2



L4



L2



L3



Vista panorâmica do terreno

5.3. Programa de necessidades

No programa não foram colocados quadras de esportes e piscinas, devido à existência destes equipamentos no estádio municipal, que pela passarela seriam facilmente acessados.

| | |
|---------------------|----------------------|
| Recepção | 38,90m ² |
| Sanitários | 37,00m ² |
| Área de convivência | 300,00m ² |
| Café | 88,00m ² |
| Internet livre | 87,00m ² |
| Salas de dança | 61,60m ² |
| | 79,20m ² |

| | |
|-----------------------------------|---------------------|
| Salas de música (vários tamanhos) | 36,80m ² |
| | 28,00m ² |
| | 31,80m ² |
| | 35,00m ² |
| | 78,00m ² |
| Salas multiuso | 30,00m ² |
| Sala para guardar instrumentos | 22,40m ² |
| Diretoria | 30,80m ² |
| Vestiário | 30,80m ² |
| Ateliês | 60,00m ² |

5.4. Projeto

O desenvolvimento do projeto foi feito levando-se em consideração todo entorno e visuais.

A idéia para o projeto do centro cultural foi criar passarelas de acesso ao estádio municipal, bastante utilizado para eventos, esportes e caminhadas, e a escola. Desta forma o projeto atenderá o público destes dois locais, aproveitando o potencial do estádio para as atividades esportivas.

Para o projeto das passarelas foi feito um levantamento da área e estudo de sua topografia.

Para melhor entendimento da topografia foi feita uma maquete de estudos.



Figura. Maquete de estudo.



Figura. Maquete de estudo.

Na área do projeto havia uma nascente que antigamente foi aterrada. Desta forma o projeto tira partido da nascente, criando-se um espelho d'água no local.

Foram feitas também maquetes virtuais mostrando todo entorno.



Figura 39. Maquete de estudio



Figura 41. Maquete de estudio

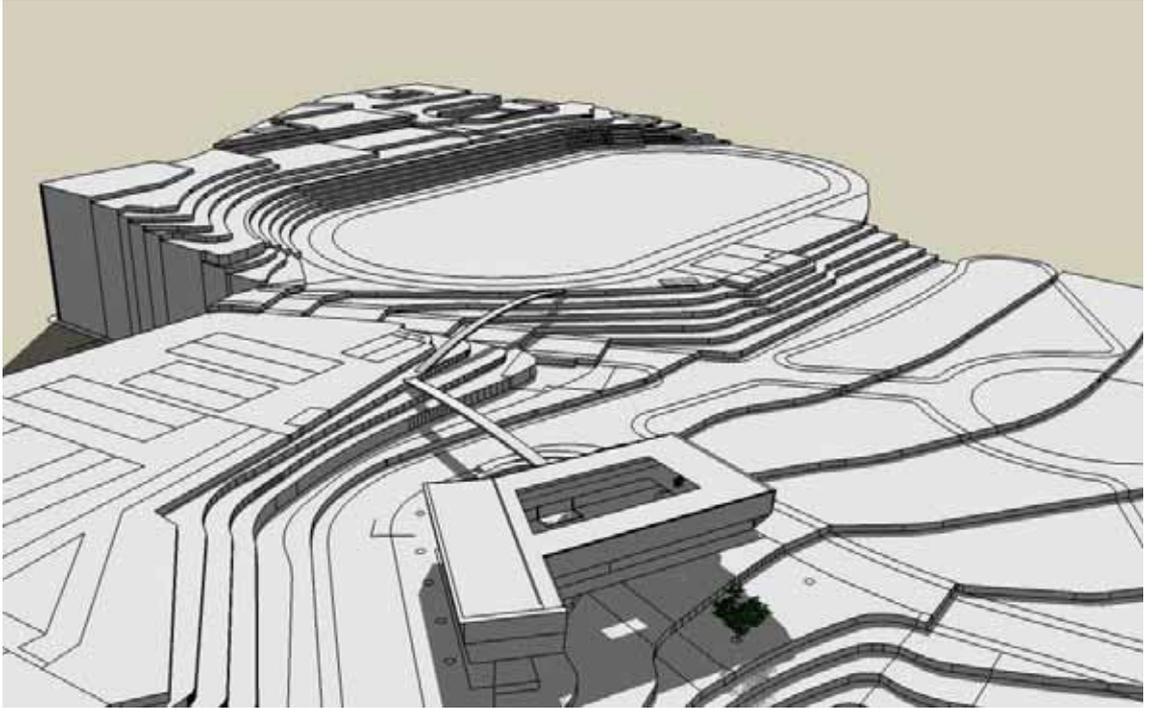
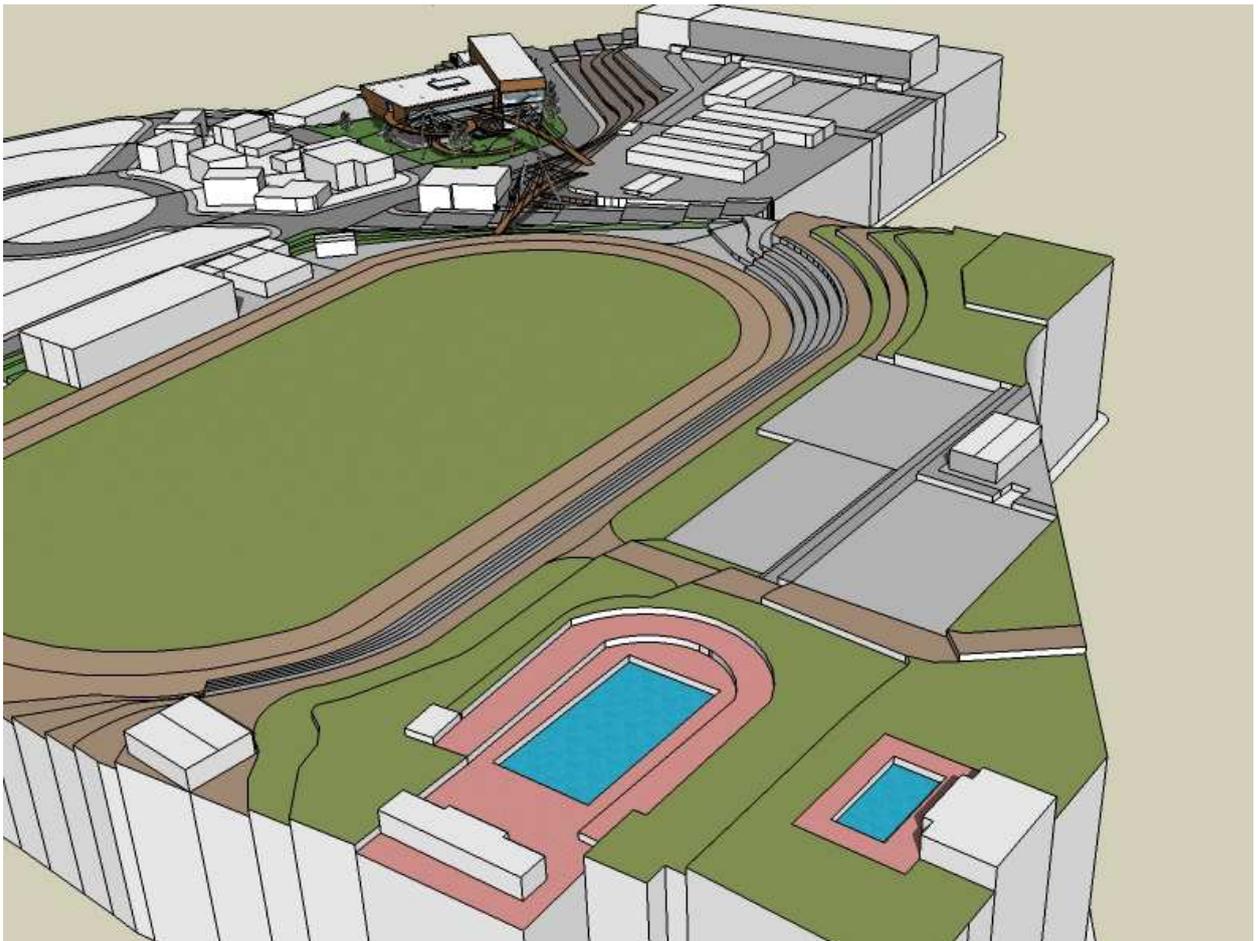


Figura 40. Maquete de estudo.

As maquetes possibilitaram um melhor entendimento da área. Desta forma ficou mais fácil projetar as passarelas e rampas do projeto. O terreno possui uma topografia que era importante de se compreender para que o projeto pudesse tirar partido dela. E assim o prédio vai surgindo a partir da compreensão do entorno e do que acontece nele e da topografia.



Na imagem acima é possível visualizar as piscinas e quadras do estádio e a visual do prédio a partir delas. A intenção é que as pessoas que estão usando os equipamentos do estádio visualizem e façam uso do prédio do Centro Cultural.

O prédio do Centro Cultural e de Convivência parte da idéia de se criar visuais tanto para o talude que delimita a escola, e para a cidade. Estas visuais são melhor mostradas nas imagens apresentadas anteriormente. Uma prioridade do projeto seria criar uma área de convivência onde todos, jovens, adultos, crianças, idosos, pudessem se encontrar para trocar

experiências. Assim foi criada uma grande área de convívio aberta para as salas de aula e todo prédio pelo pé direito duplo. A intenção é que nesta área também fossem realizadas exposições de arte e algumas apresentações.

As salas de aula estão localizadas todas no mesmo bloco, elas se abrem a área de convívio pelas divisórias acústicas móveis. Desta forma elas podem ficar fechadas ou abertas pelos painéis à área de convivência e também entre elas há painéis que possibilitam conforme a necessidade as salas ficarem maiores. Há salas de música, dança, multiuso e ateliê. A intenção é que estas salas atendem todas as faixas etárias.

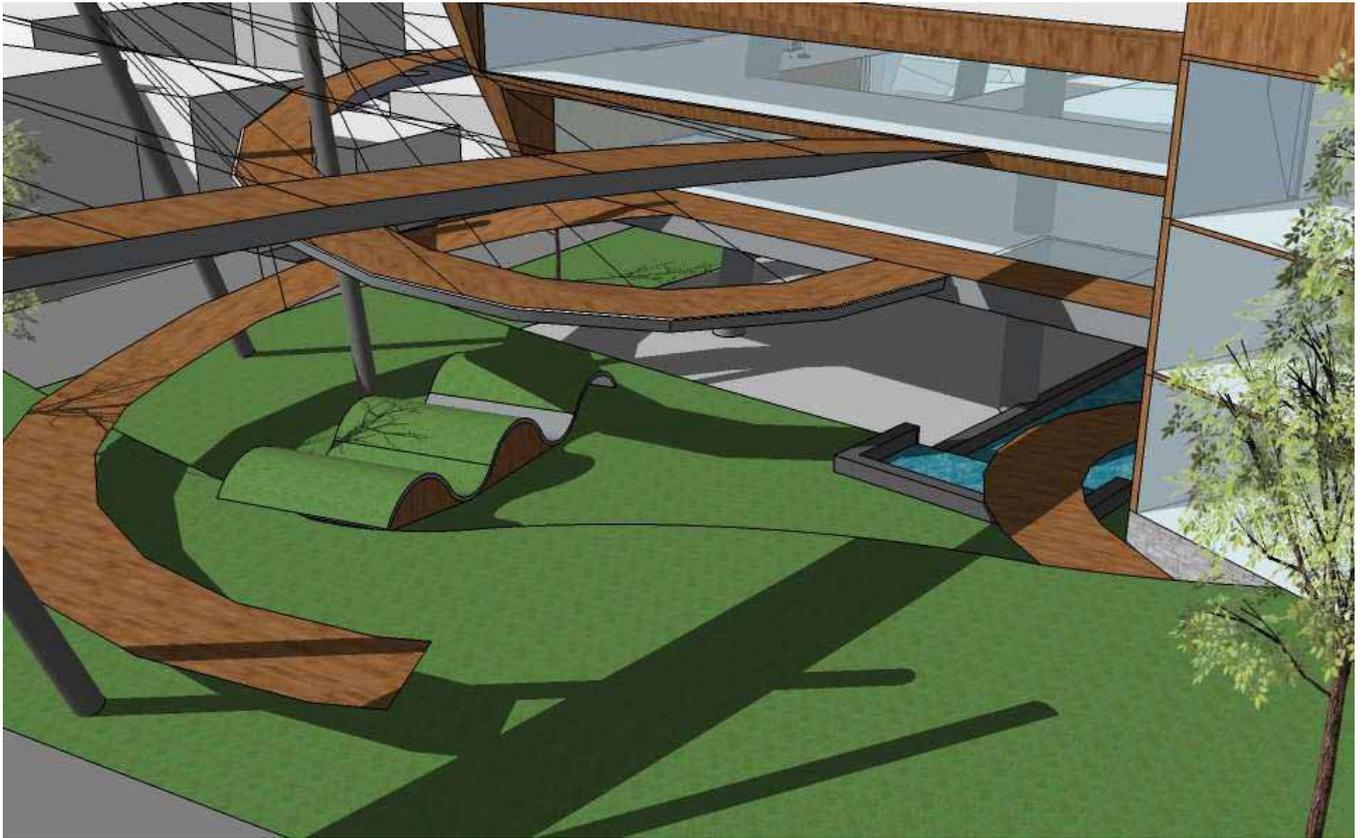
No pavimento superior estão localizados o café e a internet livre além de mais um bloco de salas de aula, vestiário e diretoria. Este pavimento se comunica à área de convivência pelo pé direito duplo. O café tem uma visual para cidade e pôr do sol possuindo uma varanda para melhor se desfrutar desta visual.

O prédio fica a 5 metros do solo, esta área abaixo do prédio possibilita as pessoas que passam na rua ainda terem uma visual para cidade e pôr do sol e nesta local foi colocado um palco para apresentações, o espelho d'água e um playground.

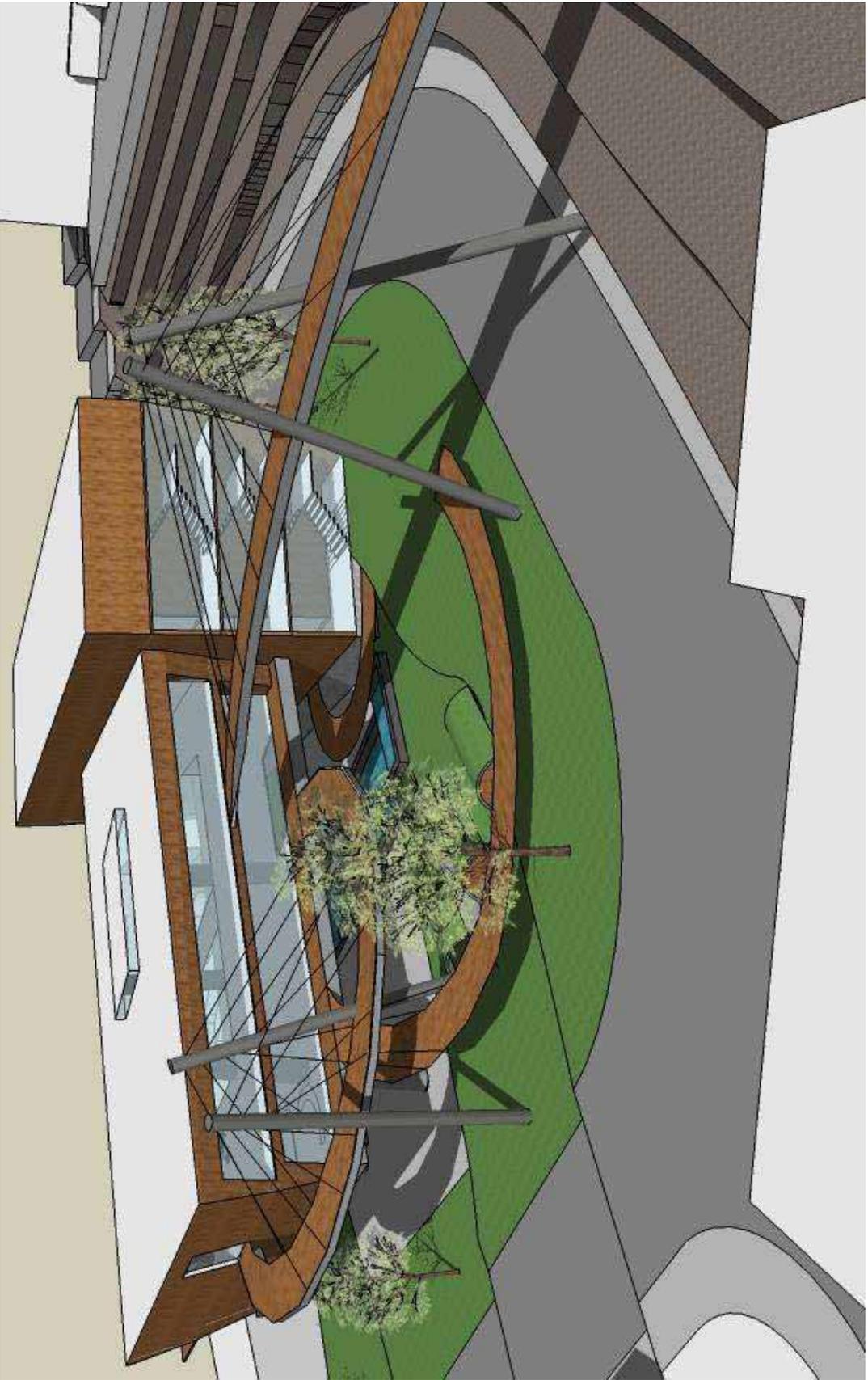
Todo prédio é acessível por rampas, escadas e um monta carga.

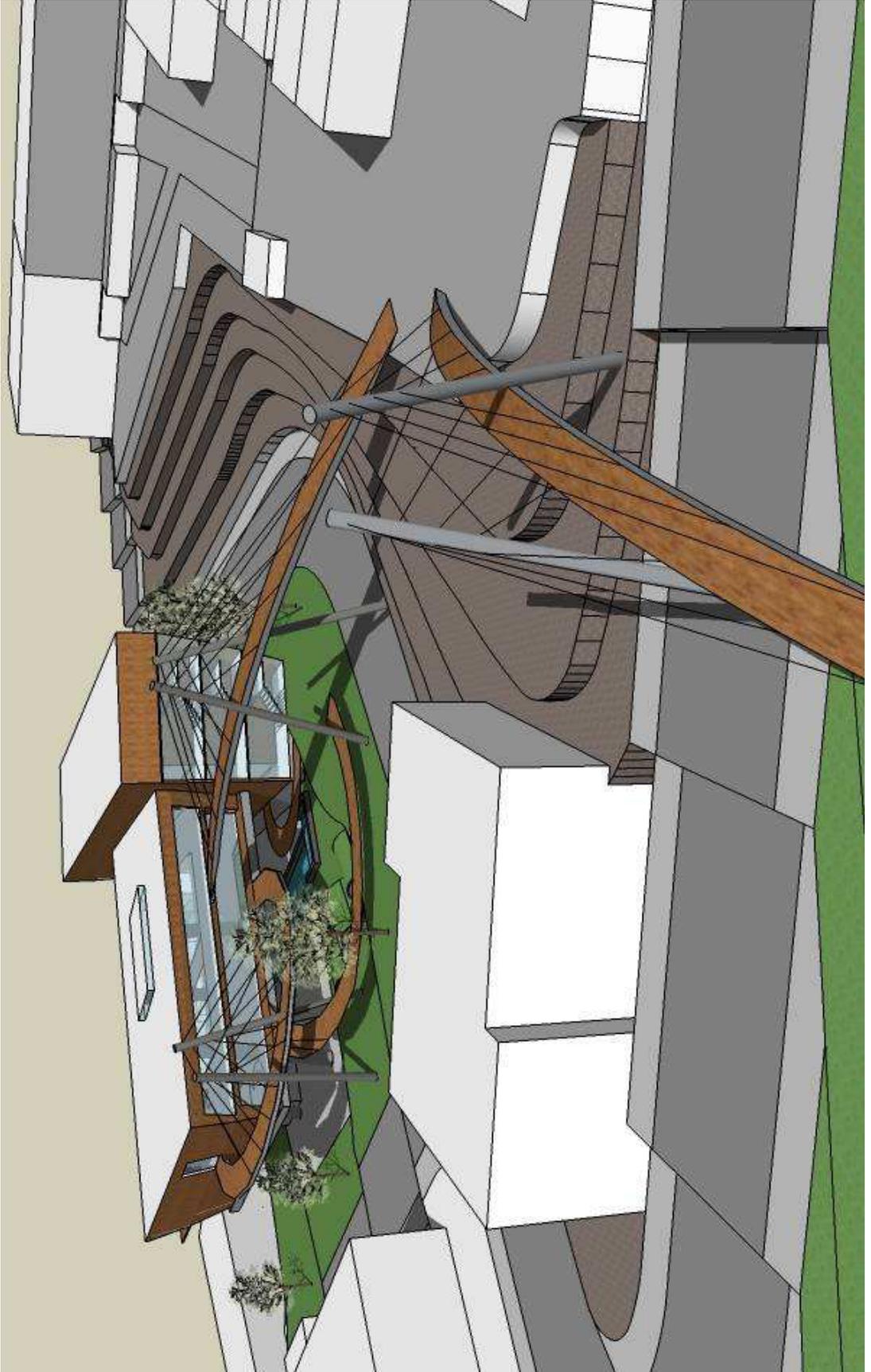
As passarelas são sustentadas por estais e toda estrutura, inclusive do prédio e rampas é metálica. O acabamento do prédio é de madeira certificada e tratada.

No projeto não foi colocado nenhum espaço apropriado para apresentação de música, pois como o Teatro da cidade é pouco utilizado, estas atividades poderiam acontecer lá, aproveitando todo o seu potencial que é pouco desfrutado pela população.



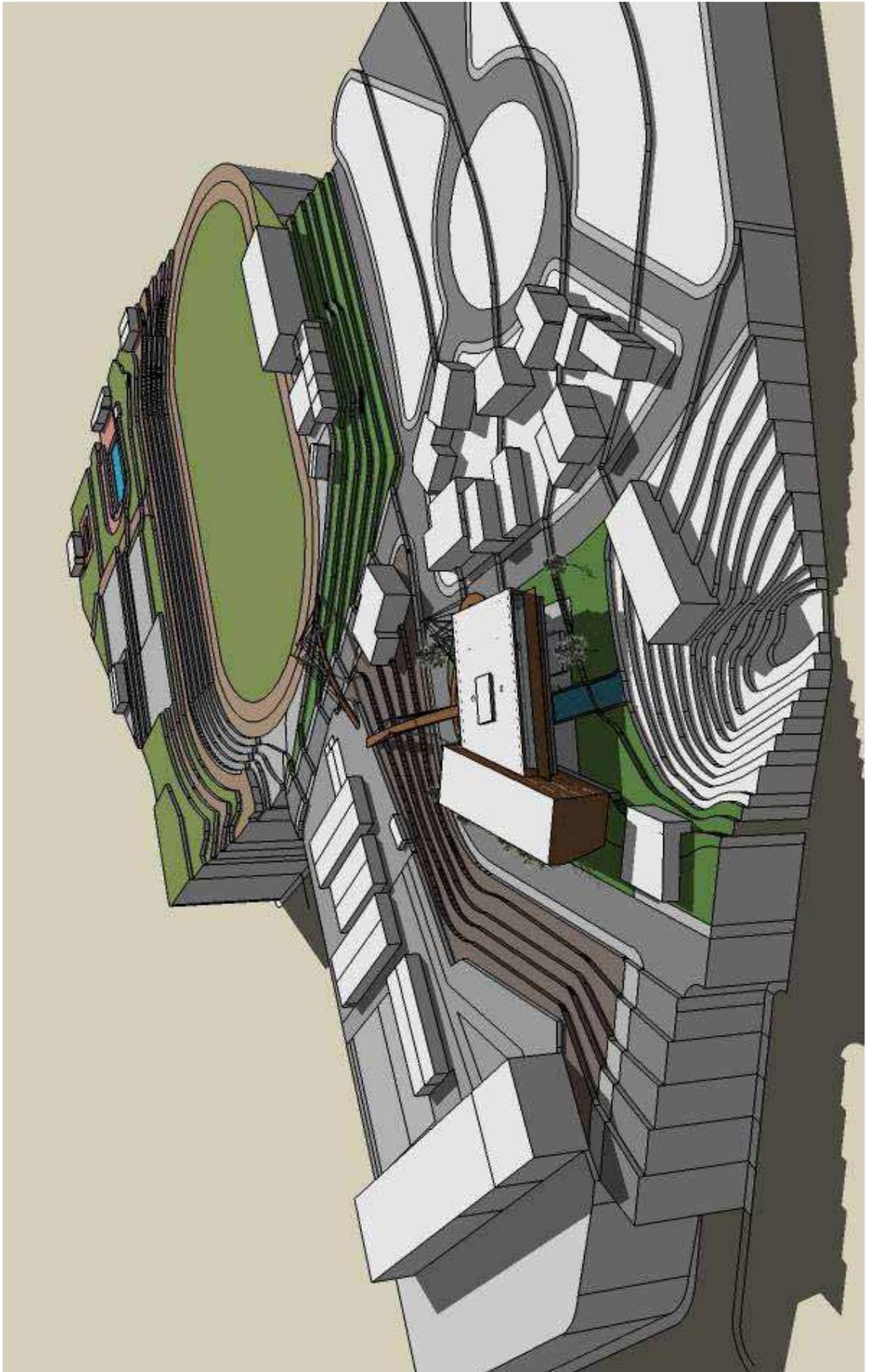












6. Referências Bibliográficas:

LEAL, U. **Projeto de Integração**. Revista Arquitetura & Urbanismo, n. 140, p.42-49, novembro, 2005.

NAKAMURA, J. **Silêncio Confortável**. Revista Arquitetura & Urbanismo, n. 119, p.56-61, fevereiro, 2004.

SOUZA, L. C. L., ALMEIDA, M. G., BRAGANÇA, L. **Bê-a-Bá da Acústica Arquitetônica**. Bauru: s/ editora, 2003.

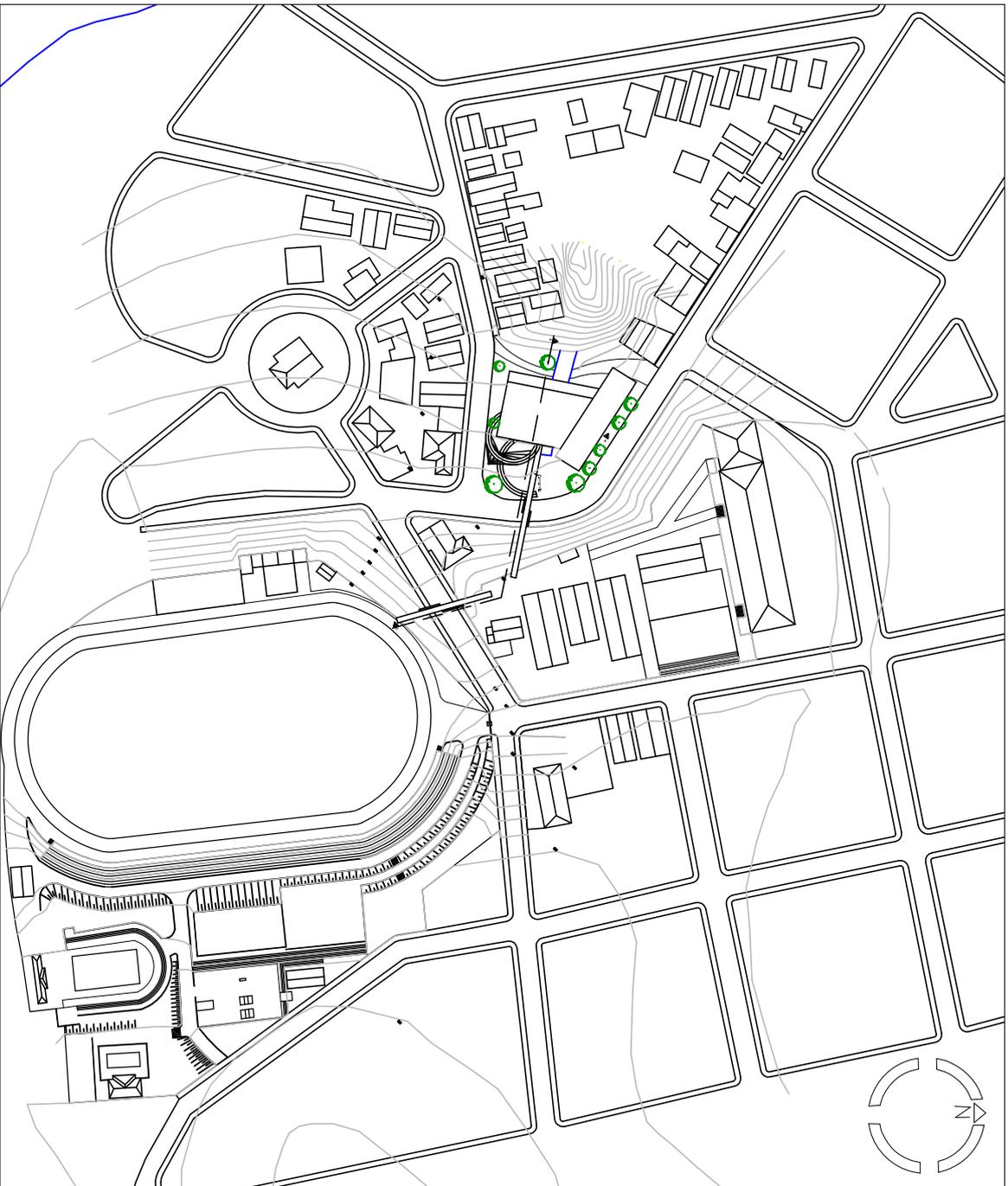
TEPERMAN, S. **Volumetrias distintas refletem trabalho que faz da diversidade na unidade o mote da criação coletiva**. Revista Projeto Design, n. 200, p.52-59, setembro, 1996.

TESSARINE, L. G. TORRES, V. A. R. **Conto, canto e encanto com minha história... Espírito Santo do Pinhal A Rainha da Serra**. São Paulo: Editora Noovha América , 2008.

WOLF, J. **Um lugar ao sol**. Revista Arquitetura & Urbanismo, n. 92, p.62-66, outubro/novembro, 2000.

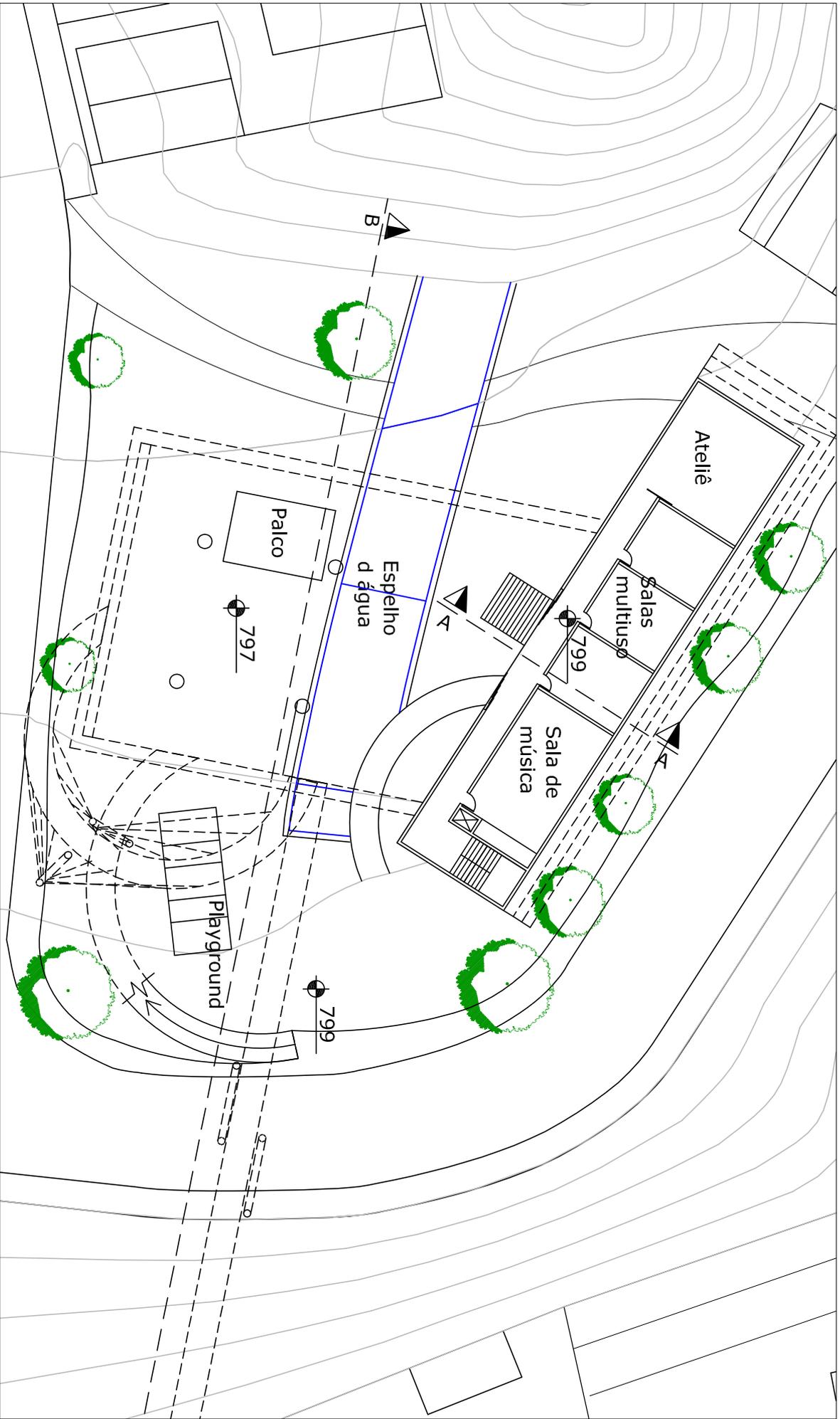
<http://www.sescsp.org.br/sesc/quem_somos/index.cfm?forget=14>.

IMPLANTAÇÃO

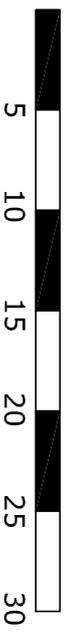


5 10 15 20 25 30

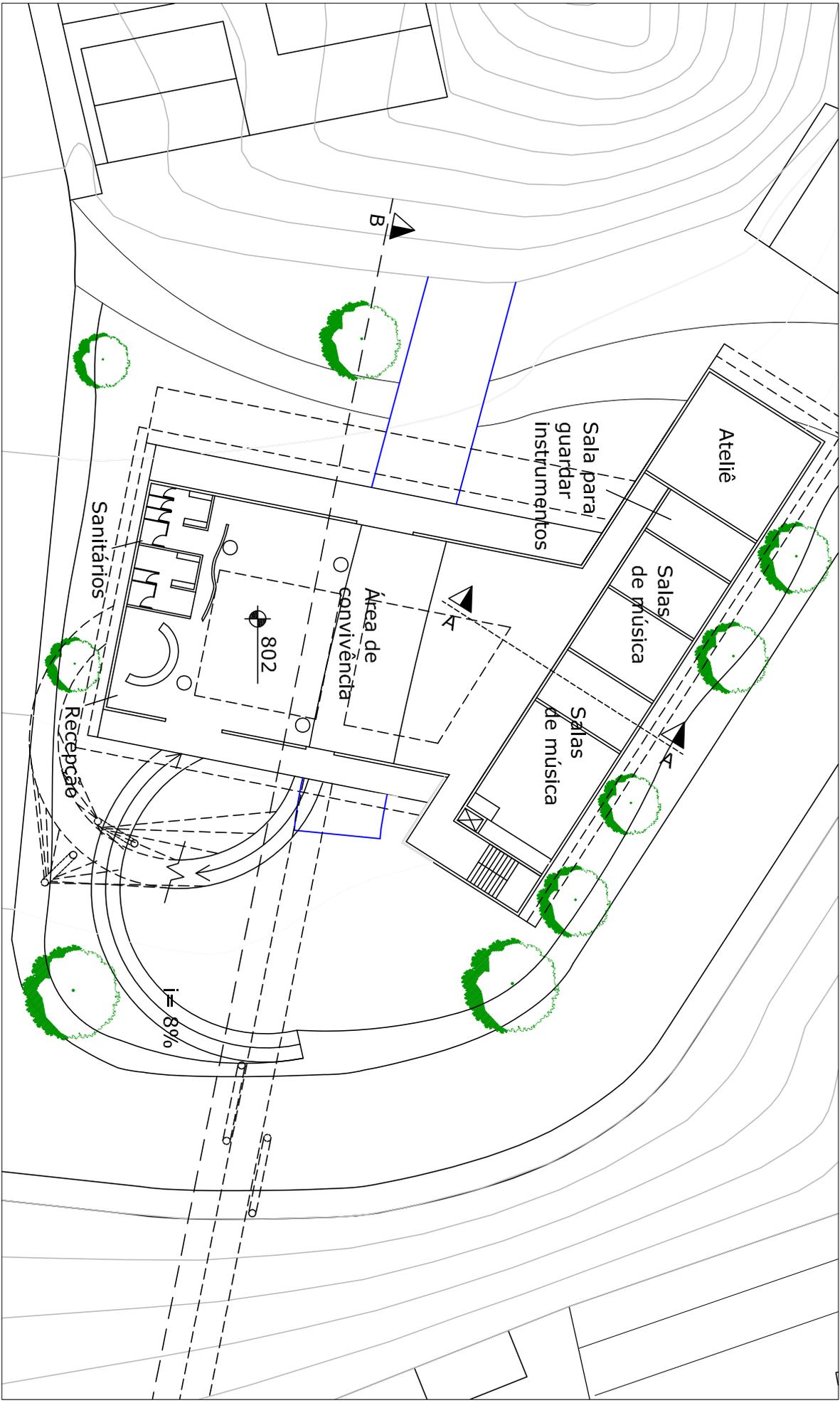
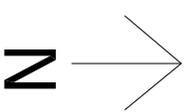
Escala gráfica



TÉRREO



Escala gráfica

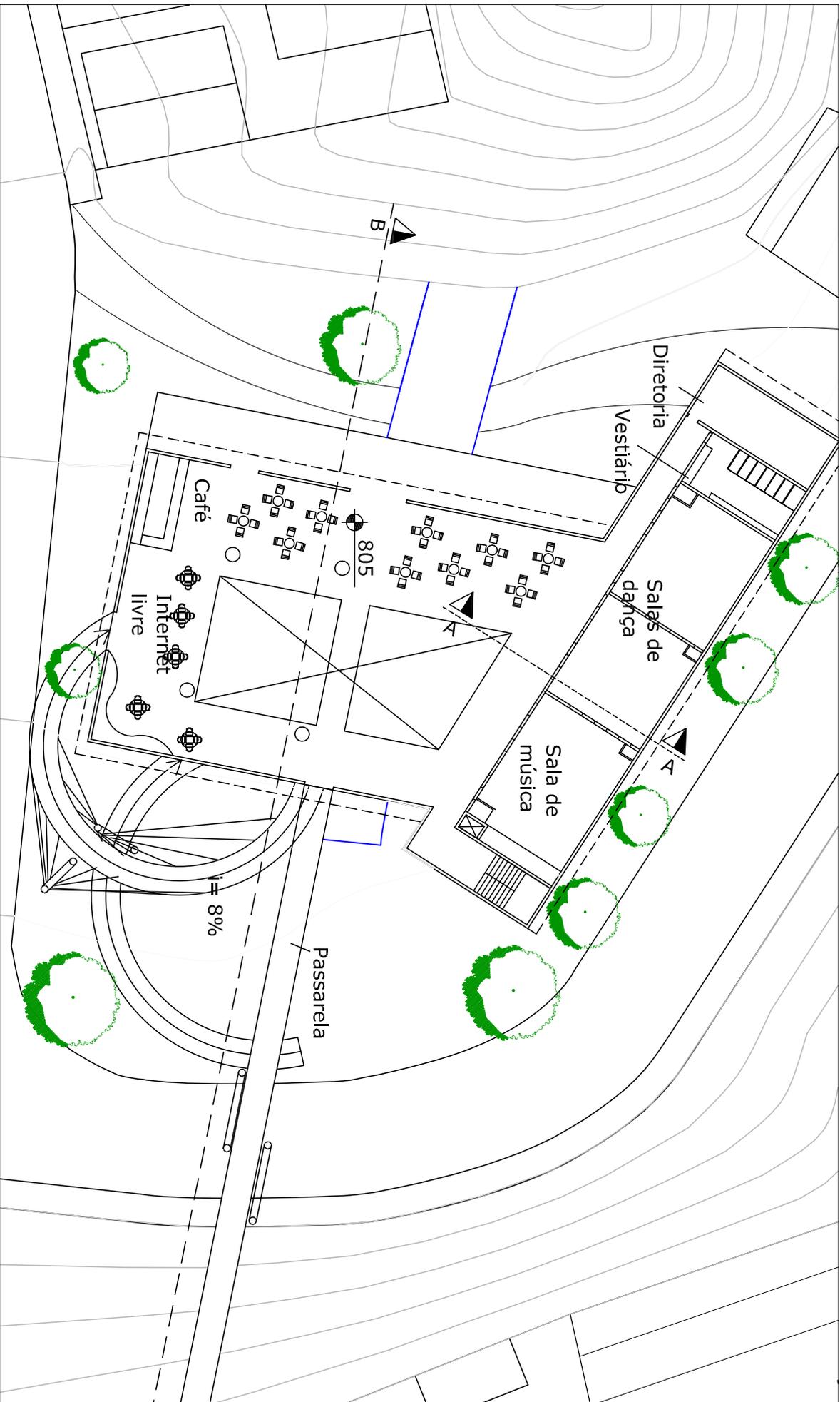


1º PAVIMENTO



Escala gráfica

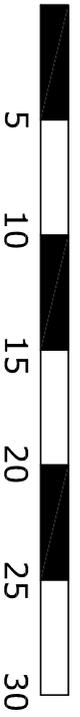
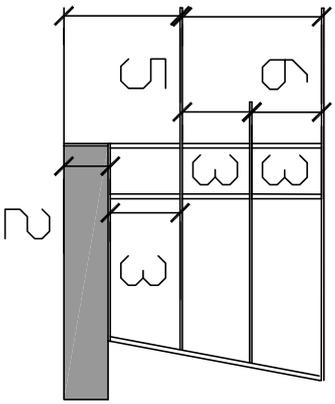
N



2º PAVIMENTO



Escala gráfica

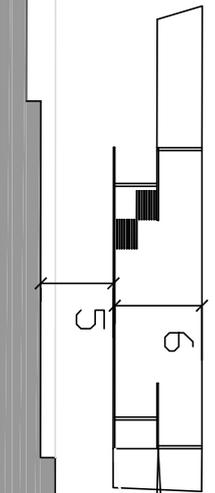


CORTE AA

Escala gráfica

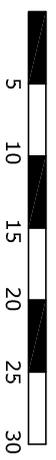


CORTE BB



6,42

5,51



CORTE BB

Escala gráfica